

Coimbra, realmente capital da saúde e do conhecimento?

Nos anos 2002-2003 o Vereador Dr. Nuno Freitas (médico) achou necessário criar mecanismos para travar a proliferação dos pombos na cidade de Coimbra.

Neste quadro, fui – tendo sido denominado pelos serviços competentes da Câmara como “*especialista nesta matéria*” – chamado a participar em algumas reuniões das quais resultou um convite “*como técnico de reconhecida competência para numa primeira fase colaborar com a CMC em regime de Consultadoria Técnica para orientação deste trabalho multidisciplinar ...e numa segunda fase para fazer o acompanhamento técnico dessa equipa*”.

Todavia, a chegada do actual vereador mudou bruscamente o rumo das coisas: fez “tabula rasa” do trabalho em andamento, parando assim o que poderia ter sido um projecto multidisciplinar, inovador e verdadeiramente exemplar neste contexto para Portugal inteiro com o argumento pseudo-doutrinal de que só os próprios serviços da Câmara se deviam ocupar de um assunto deste género.

Assim, ignorou um documento anteriormente elaborado pelos mesmos serviços no qual afirmavam que “*o controlo dos pombos em meio urbano requer uma abordagem... dirigida e orientada por técnicos especializados de reconhecida competência*”, deixando subentender assim que eles próprios não dispuseram deste tipo de habilitações bem específicas. Por outras palavras, o Sr. Vereador despejou esta tarefa em cima de uma equipa que – ironicamente – pouco antes tinha sugerido discretamente que não estava muito bem dentro do assunto...

Agora, em 2008, dois anos mais tarde, o ciclo está fechado e após um período “providencial” de imobilismo no que diz respeito aos columbídeos da cidade, a Câmara volta a dirigir-se para fora com um convite às empresas do ramo, no sentido de “*solicitar que se digne informar...que meios e métodos utilizam para assegurar a praga dos pombos...*”.

Ninguém tem dúvidas sobre a necessidade de restringir o número dos pombos que vivem nas nossas cidades. Todavia, é de notar que nos países mais avançados neste aspecto (Alemanha, Suíça, França, Holanda, ...) estas aves têm direitos e não podem ser abatidas de qualquer maneira ou submetidas a tratamentos químicos incontroláveis: de facto, existe aí uma opinião pública atenta e sempre pronta para denunciar qualquer atentado contra a sua dignidade como ser vivo.

Consta na verdade que muitos destes pombos estão doentes, situação em nada extraordinária para animais selvagens que são. No entanto, a maior parte das suas doenças são do foro patogénico específico do pombo ou das aves em geral, e não são transmissíveis ao Homem. Em relação às doenças eventualmente contagiosas para a nossa espécie, falta um fundamento científico a qualquer exagero: assim, a Universidade de Basileia (2004) publicou um documento no qual estipula que nos últimos 62 anos só foram relatados no mundo inteiro 176 casos de transmissão de doenças de pombos da cidade para o Homem, o que corresponde a uma média que não atinge os 3 casos por ano. Considerando as centenas de milhões de pombos e pessoas que convivem diariamente em todas as grandes cidades deste planeta, é de facto um número irrisório. Ainda por cima, dois terços das doenças relatadas são de origem fúngica com destaque para a Criptococose. Muitos destes casos são imputáveis não a um incremento dos contactos entre pombos e pessoas mas sim à alteração da situação

imunitária do Homem: concretamente porque existem hoje em dia provavelmente mais pessoas que sofrem de um ou outro tipo de imunodeficiência (p.ex. a Sida).

O primeiro culpado pela proliferação crescente destes pombos na cidade é, nem mais nem menos, o próprio Homem que disponibiliza por todo o lado lixo alimentar na via pública em combinação com a multiplicação dos prédios degradados. Ambos são assuntos nos quais as Câmaras também têm responsabilidade.

Conclusão: o que já foi dito em 1990 por pesquisadores das Universidades de Utreque e Munique, nomeadamente que o pombo da cidade é mais um perigo para os outros pombos e aves do que para os humanos, é confirmado por outros termos em 2004 por Wackernagel (Basileia) “ *mesmo que os pombos da cidade possam significar esporadicamente um risco para a saúde humana, este risco é muito baixo, mesmo para pessoas que por motivos profissionais trabalham na proximidade dos sítios onde nidificam*”.

Conclusões: o vereador responsável retirou à Coimbra uma única oportunidade de se destacar neste domínio e dar um exemplo a todos os outros municípios de Portugal. Poderíamos ter optado por soluções similares às utilizadas em centenas de grandes cidades Europeias (Munique, Roterdão, Amesterdão, Zurique, etc. etc.) com base em medidas sinérgicas e humanamente aceitáveis (recusando desde o início o uso de métodos cruéis). A instalação de pombais municipais – em vários casos frutos de uma arquitectura de vanguarda - dentro do perímetro da cidade também faz parte desta solução.

Paciência, temos o que temos e quando os políticos tomam decisões em assuntos que não dominam ...

Marc Ryon
Médico-veterinário